

Rompendo as barreiras

Naiana Ribeiro

REPORTAGEM
naiana.ribeiro@redabahia.com.br

Criadores de tecnologias repetem padrões excludentes

Quantas mulheres você conhece trabalhando com tecnologia e inovação? E quantas delas são negras? Provavelmente poucas ou nenhuma. Os dados só reforçam a realidade que é reflexo de uma sociedade patriarcal, machista e racista: dos alunos que ingressam nos cursos relacionados a computação e tecnologia, apenas 15,53% são mulheres, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). E 41% das mulheres que trabalham com tecnologia acabam deixando a área, em comparação a 17% dos homens, segundo estudo da Harvard Business Review.

POR QUÊ?

“A gente está falando de uma estrutura de poder. Tecnologia é poder, é a política do mundo hoje”, afirma Sil Bahia, diretora do Olabi MakerSpace, que ainda completa: “Fala-se muito no impacto positivo da revolução digital e na sua capacidade de resolver os problemas sociais do mundo, mas a tecnologia tem sido um importante vetor para a concentração de renda e das oportunidades. Mulheres na tecnologia já é uma coisa rara, porque a gente tem que lidar o tempo todo com o machismo”. Sil defende que, embora as tecnologias estejam em evidência nessa nova era, o ser humano deve estar no centro das discussões e, portanto, os setores

da sociedade precisam se voltar para lacunas sociais, como a falta de mulheres no mercado de trabalho, para termos um mundo melhor.

“A gente, que tem uma origem popular, já acessou vários lugares, mas é preciso ter uma atenção maior para isso. Quando falo que trabalho com tecnologia, muita gente pensa que lido apenas com máquinas e robôs. Mas a minha preocupação está no indivíduo: qual é o impacto disso na minha vida? A dimensão humana é essencial no mundo tech: é preciso pensar no consumidor”, pontua ela, que coordena o Pretalab, que busca dar visibilidade a negras e indígenas na inovação e na tecnologia. As tecnologias estão carregadas com visões políticas, econômicas e culturais de quem as cria, afirma Sil. Os que possuem esse domínio, portanto, ditam seu uso: “Isso já potencializa uma grande desigualdade, em um mundo cada vez mais digital”.

PROJETOS

Ou seja, em vários momentos, quem pensa e faz a tecnologia não está conectado com a maioria das pessoas que vão utilizá-las. “A diversidade é a realidade. As mudanças e avanços vivem nas nossas nuances, na diversidade”, opina a pedagoga Ka Menezes, idealizadora do projeto Crianças Hackers, que proporciona o contato de crianças com a linguagem tech desde cedo. O Crianças Hackers e o Pretalab são apenas algumas das iniciativas que atuam para mudar o cenário do Brasil nesse ramo. Outros projetos - como a OxenTI Menina!, Rede de Ciberativistas Negras e Criolas - também buscam provar na prática e com dados que mulheres não são naturalmente inferiores aos homens em nenhuma função.

●● As meninas têm que se sentir representadas na tecnologia. Vivências diferentes trazem melhores soluções
Brenda Costa

Para programadora, diversidade é condição para a inovação

●● Qualquer homogeneização é artificial. A diversidade em todos os âmbitos - seja na tecnologia, nas artes ou na educação - é um direito e não uma obrigação
Ka Menezes

Sobre a importância da diversidade

●● Meninas encontram poucas referências femininas nessas áreas. É bem difícil sonhar ser algo que você nem imagina que é possível ser
Sil Bahia

Sobre os pais não sonharem que suas filhas se tornem programadoras



ARISSON MARRINHO



MATEUS PEREIRA /MPHOTOS/DIVULGAÇÃO



ARISSON MARRINHO

QUEM É

● **Brenda Costa** Estudante de sistemas de informação, baiana. É co-fundadora do OxenTI Menina!, que inspira jovens mulheres através da tecnologia. É mentora da competição global Tech-ovation Challenge

QUEM É

● **Ka Menezes** Pedagoga baiana, é presidente do Raul Hacker Club e idealizadora do Projeto Crianças Hackers. Professora da Faculdade de Educação da Ufba, ela é pesquisadora de tecnologias contemporâneas na educação

QUEM É

● **Sil Bahia** Jornalista, carioca, é diretora do Olabi MakerSpace, organização que busca democratizar a tecnologia. Coordena o Pretalab, iniciativa que busca dar visibilidade a negras e indígenas na inovação

VIRADA DE CHAVE



●● Esse momento exige de nós flexibilidade. Temos que estar abertos a aprender
Daniele Ribeiro

Pedagoga e orientadora de carreira, 37 anos

PONTOS FORTES DA OFICINA: POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA DIVERSIFICAR O RAMO

Disseminar saberes Para Ka Menezes, a pulverização do conhecimento é pré-requisito para a diversidade, seja através das universidades, das escolas e/ou de coletivos. “Esse poder hoje está centrado nas mãos de homens, brancos, heterossexuais, classe média/ricos”, pontua Sil Bahia, que concorda com a pedagoga.

Ampliar o acesso Além das próprias iniciativas de impacto social e do combate a preconceitos, Sil Bahia cita outras soluções: “Contratar, formar,

comunicar, capacitar, etc”.

Foco na humanidade Para Brenda Costa, é importante considerar diferentes opiniões e vivências: “A grande qualidade do homem é justamente ser humano. É preciso ser empático, para traçar soluções”.

Representatividade As meninas têm que se sentir representadas desde cedo. “É essencial”, afirma Brenda Costa. Muitas vezes, as supostas limitações das mulheres são impostas desde a infância. Isso, inclusive, faz

com que elas reduzam seu escopo de atuação.

Investimento “Precisamos de políticas públicas que foquem ações por todo o país”, acredita Ka Menezes.

Diálogo Sil estimula a conversa com gestores públicos e privados: “Precisamos criar pontes. Não basta só criar cursos focados em negras, precisamos pensar em como o que já existe pode criar condições para que essas mulheres tenham acesso e permanência”, explica Sil.

VIRADA DE CHAVE



●● As pessoas não entendem os limites da máquina do ser humano. É preciso ter bom senso
Carolina Zalbergas

Relações públicas, 23 anos

Pense como um jovem para lucrar

Alexandre Lyrio

REPORTAGEM
alexandre.lyrio@reddebahia.com.br

Mestre em IA aprova acarajé feito em fritadeira elétrica

Um acarajé quentinho tem seu lugar. Até um descendente de japoneses sabe disso. Mas, ao viver a experiência de experimentar um dos tradicionais bolinhos da cidade, Eduardo Endo fez um alerta. Coisa de quem é mestre em Inteligência Artificial: "As gerações que estão surgindo poderão não consumir esse produto. Eu percebi alguns problemas na hora de comprar o acarajé. As baianas, ao menos as mais conhecidas, costumam ter fila. As gerações atuais são acostumadas a comprar tudo em alguns toques no smartphone. As baianas também não entregam em casa. E mais. O acarajé, em geral, não é saudável. As gerações atuais estão muito preocupadas com isso", problematizou Endo ao propor um desafio.

Durante sua oficina no Seminário Humanize[se], do Fórum Agenda Bahia 2018, ele pediu que os grupos de trabalho pensassem soluções digitais para aqueles problemas que identificou no acarajé. O objetivo do palestrante foi fazer empreendedores entenderem que é preciso conquistar o seu futuro cliente pensando tal qual as novas gerações.

MINDSET

Para isso, é preciso usar o mindset (mentalidade) das gerações às quais se quer conquistar. E, se o alvo for as gerações mais recentes, fatalmente essa solução vai ser digital. Mas como fazer isso? Como entrar na cabeça do jovem conectado? "Com empatia e comunicação. Empatia é se colocar no lugar do outro, entender as necessidades dele. Se for a geração Z, ela está sempre um passo à frente da gente. É preciso se comunicar com eles, entrar nas cabeças deles", diz.

Ou seja. Para ele, não só as pessoas devem se adaptar às novas tecnologias, mas, principalmente, as tecnologias e as empresas devem se adaptar às pessoas. "Quando a gente for criar um produto, tem que lembrar que é para essas gerações. Não dá pra inovar com o nosso próprio



ARISSON MARINHO

●● **As gerações atuais são acostumadas a comprar tudo em alguns toques no smartphone. As baianas também não entregam em casa. E mais. O acarajé, em geral, não é saudável. As gerações atuais estão muito preocupadas com isso** Eduardo Endo

Mestre em Inteligência Artificial

mindsetting (mentalidade). Precisamos entender como funciona a cabeça da geração Z", defende.

Mas, por que um especialista em Inteligência Artificial está em um seminário sobre humanização? Simples. Endo mostra que se adaptar às novas tecnologias é, na verdade, humanizar-se. "As tecnologias avançam porque as pessoas avançam. A transformação ocorre de dentro para fora. Antes de as tecnologias se transformarem, o que se transforma são as pessoas. Se você é uma pessoa, você precisa mudar também, ou seja, humanizar-se".

Humanizar-se, neste caso, é entender a cabeça de gerações que não conseguem ficar distante dos seus "devices" (dispositivos eletrônicos), como o celular, tablet e computador. Durante a apresentação, Eduardo Endo apresentou dados que mostram até onde vai a relação dos jovens com os smartphones, por exemplo (ver ao lado). "As novas gerações se comunicam com imagens, emojis e poucas palavras. Aliás, deixa eu fazer uma pergunta: Quem aqui não tem WhatsApp?". Ninguém na plateia respondeu. "Se alguém pensou em levantar a mão melhor abai-

xar rápido senão passa vergonha", brincou.

FRITADEIRA

Mas, e o acarajé? Os grupos de trabalho se reuniram por dez minutos. O primeiro passo era apontar os problemas. Em seguida, pensar as soluções. Entre aplicativos de vendas de acarajé para serem entregues a domicílio e sites, uma das ideias chamou a atenção.

Um dos grupos propôs a criação de uma espécie de fritadeira elétrica que consiga fritar o acarajé de forma mais saudável, segura e higiênica. "Identificamos que a forma de produção, o manuseio, o risco da utilização do gás e do óleo saturado prejudicam muito o produto", afirmaram a dentista Joselita Nascimento e a professora Lúcia Machado, duas das criadoras da ideia. "Pensamos em uma máquina que conserve nutrientes e crocância, mas que resolva os problemas do processo", completaram.

Empolgado e alheio às tradições que fazem do acarajé um quitute mundialmente conhecido, Eduardo Endo elogiou. "Uma máquina dessa pode melhorar muito a produção e entregar um acarajé muito mais saudável".

Geração Z tem medo de ficar sem celular

A tese de Eduardo Endo é a de que as novas gerações são nativas digitais, ou seja, já nasceram deslizando as pontas dos dedos nos dispositivos. Por isso, pessoas e empresas precisam acompanhar o pensamento dessas gerações sob risco de ficar para trás. Para comprovar sua ideia, Endo apresentou um vídeo em que a sua própria filha, Beatriz, é entrevistada.

A menina, 6 anos, usa com destreza tablets e smartphones. "Ela já nasceu nessa geração. Se der um telefone de discar, ela não vai saber usar. Ela é o que eu chamo de nativa digital. Não é mais inteligente que as outras gerações, mas se você quiser inovar é preciso pensar como a Bia". Na entrevista, a menina revela o que o pai faz quando ela desobedece. "Ele tira o tablet, o smartphone e a internet". "E como você reage?", pergunta a entrevistadora. "Eu fico com medo", responde a menina. "É uma geração que tem medo de ficar longe dos devices (dispositivos)", diz Eduardo.

"Uma pesquisa mostra que 79% dos jovens têm a 'nomofobia', a fobia de ficar sem esses devices. É preciso entender a cabeça desses jovens e criar soluções digitais para eles", aposta. Muitas empresas, diz Eduardo Endo, investem muito dinheiro para entender esses consumidores. As propagandas que aparecem antes dos vídeos do YouTube, por exemplo, têm, no máximo, oito segundos. Isso porque estudos demonstram que a geração Z tem, em média, apenas oito segundos de atenção plena.

Palestrante usou problemas que encontrou no quitute das baianas para provocar a plateia

QUEM É

● **Eduardo Endo** é diretor dos MBAs da Fiap, palestrante do SXSW (um dos maiores eventos de novas tecnologias do mundo que acontece anualmente nos EUA) e mestre em Inteligência Artificial.

PONTOS FORTES DA OFICINA

Empreendedores precisam usar o mindset (mentalidade) das gerações que querem conquistar.

Adaptar-se às novas tecnologias é, na verdade, humanizar-se, pois as tecnologias avançam porque as pessoas evoluem, e se transformam depois de as pessoas se transformarem.

VIRADA DE CHAVE



●● **A gente tem medo da tecnologia tirar o trabalho do homem, mas a tecnologia também precisa da gente** Brenda Costa

Criadora do Oxentl Menina